



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no aeroporto, antes de embarcar para o Brasil
Vinã Del Mar-Chile, 28 de março de 2009**

Presidente: Deixem-me só dizer uma coisa para vocês: eu achei extremamente interessante essa reunião da Governança Progressista e, sobretudo, a vinda do Vice-Presidente dos Estados Unidos e a presença do Gordon Brown, porque permitiu que nós pudéssemos antecipar um pouco no jantar de ontem e no debate de hoje a questão do G-20 (incompreensível). Tem muita especulação sobre o que pode acontecer no G-20, tem muita vontade, tem muita gente achando que vai resolver o problema da humanidade no G-20. Eu acho que é importante que a gente foque naquilo que é necessário para um primeiro momento da crise, que é o restabelecimento do crédito mundial, para facilitar o fluxo da balança comercial dos países. A segunda coisa importante é que as instituições financeiras possam garantir que haja fluxo de dinheiro para os países que estão mais necessitados neste momento. Se nós conseguirmos garantir isso, eu acho que nós teremos tempo para discutir outras coisas que precisam ser discutidas no G-20, sabendo que nós temos que lidar com as diferenças, porque hoje não é apenas os Estados Unidos que falam e os outros obedecem, não é a União Européia que fala e os outros obedecem, ou seja, não é mais o G-8 que pode tomar as decisões, tem que se levar em conta os outros continentes, tem que se levar em conta a China, tem que se levar em conta a Índia. Eu acho que foi uma discussão extremamente importante, por isso: porque ela permitiu que nós pudéssemos antecipar um pouco com o Gordon Brown, que é o organizador da reunião, aquilo que nós queremos discutir em Londres. Por isso, eu estou otimista de que vamos avançar um pouco em Londres e acho que nós poderemos, a partir daí, começar a encontrar soluções para reverter a crise. Aquilo que eu disse no



final é verdadeiro: é a primeira crise em que nós não estamos precisando que os ricos dêem dinheiro para nós. No caso do Brasil, nós não estamos precisando de dinheiro, estamos precisando é que os ricos resolvam os seus problemas, porque na hora em que eles resolverem o problema de crédito e de confiança interna e voltarem a produzir e a consumir, nós vamos vender. Ao mesmo tempo, eu acho que os países da América do Sul estão em uma situação privilegiada, se comparado a outras crises, em que nós estávamos nus diante da crise. Desta vez nós estamos preparados, todos os países têm reservas, todos os países têm déficit fiscal pequeno, todos os países têm dívida pública menor do que tinham antes. Então, eu saio daqui achando que nós começamos a garimpar um bom caminho para encontrar uma solução para o G-20.

Jornalista: Usando uma metáfora, Presidente. Dá para a gente - não sei se a intenção do senhor é essa - conclamar os países da América Latina a darem um chute na canela dos países desenvolvidos?

Presidente: O problema é que se nós dermos um chute, nós afugentaremos eles. Eu acho que a hora não é de confrontação verbal, a hora é de tentar negociar. Primeiro, o mundo globalizado fez com que todos os países se tornassem interdependentes, todo mundo depende de todo mundo. Portanto, nós precisamos encontrar uma saída coletiva, não existe saída apenas entre nós. É preciso que a gente construa uma política que seja universal, do ponto de vista de combinar os interesses dos países pobres e dos países ricos. Eu, particularmente, estou convencido de que o momento é de muita conversa, de muita (incompreensível) e de ter a compreensão de que é a primeira crise em que os ricos não têm que estar preocupados apenas com os pobres da América Latina e da África, eles têm que estar preocupados com os seus pobres, com os seus desempregados, com a sua credibilidade, com a sua



confiança. É impensável imaginar que algum país vai ter dó de outro país antes de resolver o seu problema interno. Então, eu acho que é o momento do diálogo, para que a gente possa fazer as mudanças que precisam ser feitas no mundo.

Jornalista: Presidente, (incompreensível) dos países ricos, mais responsabilidade (incompreensível). Qual é o papel dos emergentes, do Brasil, na solução para a crise? Vão continuar sempre a reboque (incompreensível)?

Presidente: São duas coisas importantes. Primeiro, o PIB europeu e o PIB americano, e as reservas do Tesouro americano e do Tesouro europeu são infinitamente maiores do que as de quase todos os países emergentes. Apenas a China tem um potencial de competitividade, sobretudo em se tratando de reservas. Obviamente que a economia do mundo não irá bem se a Europa e os Estados Unidos estiverem mal. É preciso que eles estejam bem para que o mundo esteja bem. Aí, os países emergentes, por outro lado, na medida em que estavam crescendo a patamares elevados, eles eram também a locomotiva do consumo de parte do maquinário produzido pelos países ricos. Ora, se por um lado, nós exportamos muitas matérias-primas que são necessárias aos países ricos, por outro lado, nós importávamos muitas máquinas modernas para modernizar o nosso parque industrial. É essa combinação que permite que todos continuem crescendo, todos. O que eu disse ao Vice-Presidente dos Estados Unidos, e tinha dito ao Obama? O problema é que essa crise não pode demorar muito. Não é que eles vão reverter a situação imediata. O que é preciso é estancar a crise: tem um vazamento de água, é preciso colocar alguma coisa para parar de vazar água e depois, então, encher a caixa outra vez. Eu estou convencido de que, também, todos estão mais humildes, todos. Antigamente, era um tal de todo mundo saber dar palpite sobre a economia da América Latina, cada um que chegava



aqui dizia o que a gente tinha que fazer. Agora, antes de dizer para mim o que eu tenho que fazer, eles têm que dizer o que eles vão fazer. Mais uma pergunta.

Jornalista: Presidente, essa proposta sobre os mercados futuros, de que o senhor falou...

Presidente: É preciso que haja uma regulação sobre o mercado futuro. Se alguém quer fazer aposta em algum produto, essa pessoa precisa, no mínimo, depositar alguma coisa na hora, para se poder saber se ela está apenas especulando ou se quer comprar de verdade. Nós não podemos permitir que aconteça outra vez o que aconteceu com o petróleo no ano passado, o que aconteceu com as *commodities* agrícolas no ano passado. Eu vou dar um exemplo: durante vários meses, com todos os líderes com quem eu conversava no ano passado, tentando ter uma explicação do aumento do preço do petróleo, tanto a Petrobras como os líderes falavam assim para mim: “é o consumo da China, é o consumo da China”. O que aconteceu? A China continua consumindo a mesma quantidade de petróleo, e o petróleo despencou de 150 para 140 [40]. Por quê? Porque já naquela época os especuladores das *commodities*, do *subprime* americano estavam fugindo do *subprime* para ir para o mercado futuro. Então, o que eu quero é fazer com que no mercado futuro, ao alguém tentar fazer... ao comprar soja de 2012, de 2013, que essa pessoa deposite uma parte em dinheiro, para se saber se ela está querendo comprar de verdade, ou se está querendo apenas especular. É isso que nós queremos fazer.

Jornalista: No encontro com o Gordon Brown, na quinta-feira, o senhor disse que a culpa era dos loiros, de olhos azuis. Isso gerou muita repercussão, inclusive na Inglaterra (incompreensível). O senhor que há motivo para essa



repercussão?

Presidente: Eu não sei por que gerou. Eu estava falando, inclusive, da perseguição aos imigrantes nos países europeus. Eu acompanho pela imprensa, todos os dias, e quem vai ser mandado embora são os latino-americanos que trabalham nos países, são os membros da Europa Oriental que estão trabalhando, são os indianos, são os africanos. Não é possível que os pobres do mundo, que não têm nada a ver com essa crise, paguem o preço da crise causada pelos ricos, apenas isso.

Jornalista: Presidente, (incompreensível) medidas provisórias ontem, a decisão do Supremo, o que o senhor achou?

Presidente: Eu não sei (incompreensível).

Jornalista: O Celso de Mello entendeu como o Michel Temer, acha que as MPs não vão trancar totalmente a pauta do Congresso. Decisão liminar, plenária...

Presidente: Deixem-me falar uma coisa para vocês: eu disse ao presidente Michel Temer e disse ao presidente Sarney que, da parte do governo, o que eu desejo é que eles encontrem uma forma de tornar as medidas provisórias confortáveis para o Congresso, desde que não impeça o governo de governar. Só isso.

Jornalista: Difícil...

Presidente: Não, eu acho que não. Eu acho que na medida em que todo mundo se põe a favor de determinadas coisas, acontece. O governo também



não precisa mandar muita medida provisória. O Congresso também não precisa demorar tanto para votar. Se nós nos colocarmos de acordo, todos nós ganharemos com isso.

Jornalista: Obrigada, Presidente.

Presidente: Tchau, gente.

(\$31EGJLQ)